

# Centro de Estudos Baianos

---

---

REEDIÇÕES 1

Nº 14

José Calasans

A Guerra De Canudos  
Na Poesia Popular

Nº 71

Zahidé Machado Neto

Quadro Sociológico Da  
“Civilização” Do Recôncavo

---

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

138

# REEDIÇÕES 1

Nº 14

José Calasans

## A Guerra De Canudos Na Poesia Popular

Nº 71

Zahidé Machado Neto

## Quadro Sociológico Da "Civilização" Do Recôncavo

Universidade Federal da Bahia  
Centro de Estudos Baianos

1989

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Professor JOSÉ ROGERIO DA COSTA VARGENS  
Reitor da Universidade Federal da Bahia  
Professora NADJA MARIA VALVERDE VIANA  
Vice-Reitora da Universidade Federal da Bahia  
Professor FERNANDO DA ROCHA PERES  
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA



**VITAE**

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Reedições 1/edição facsimilar das publicações 14 e 71 do Centro de Estudos Baianos; nota explicativa de Fernando da Rocha Peres. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1989.

44p. ; 22 cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação; 138).

Conteúdo: A guerra de Canudos na poesia popular / José Calasans. — Quadro sociológico da "civilização" do Recôncavo / Zahidê Machado Neto.

1. Brasil - História - Guerra de Canudos. —  
2. Poesia popular brasileira. / 3. Bahia / Recôncavo - Condições sociais. 4. Bahia - Recôncavo - Condições econômicas. I. Calasans, José. II. Machado Neto, Zahidê. III. Série.

CDU - 981

398(814.2)

30(814.2)

33(814.2)

(Centro de Estudos Baianos da UFBA)

## NOTA EXPLICATIVA

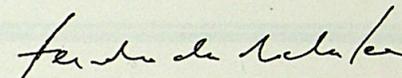
O Centro de Estudos Baianos da UFBA, com o patrocínio cultural da VITAE (Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social), vem realizando um programa de edições de autores baianos, a maioria docentes, com temas variados sobre cultura baiana.

Neste nº 138 fazemos a reedição de dois textos já publicados, sob os números 14 e 71, em 1952 e 1971, da autoria, respectivamente, do Prof. José Calasans e da Profa. Zahidê Machado Neto, com os títulos: "A Guerra de Canudos na Poesia Popular" e "Quadro Sociológico da Civilização do Recôncavo".

São trabalhos de grande interesse, constantemente solicitados, os quais encontram-se esgotados, como muitos dos títulos do nosso catálogo.

Acreditamos que está plenamente justificada a reedição dos dois números da coleção os quais tratam de temas de grande atualidade.

Salvador, 15 de janeiro de 1989

  
Fernando da Rocha Peres

# Centro de Estudos Bahianos

---

---

JOSÉ CALASANS

## A GUERRA DE CANUDOS NA POESIA POPULAR

---

---

Publicação

**14**

**SALVADOR - BAHIA**

15 de Maio de 1952

## A GUERRA DE CANUDOS NA POESIA POPULAR

(DOCUMENTARIO FOLCLÓRICO)

*José Calasans*

Canudos é um momento difícil da vida brasileira. A campanha contra Antônio Conselheiro, que Euclides da Cunha fixou em livro magnífico, movimentou e preocupou o Brasil, fazendo convergir para os sertões baianos as atenções do nosso governo e do nosso povo.

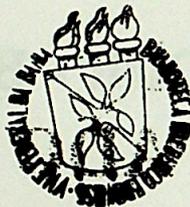
No ano de 1897, quando a crise sertaneja atingiu seu ponto mais alto, o brasileiro não pensou noutra coisa senão naquela surpreendente e heróica resistência dos jagunços aos ataques das tropas aguerridas do exército nacional. Houve, então, a necessidade da mobilização dos recursos nacionais para a completa destruição do fanatismo conselheirista. Por seu turno, numa atitude suicida, o homem do *Belo Monte* empregou todas as forças ao seu alcance para conter os soldados vindos do litoral, defensores da ordem republicana, que a exaltação dos espíritos considerava seriamente ameaçada.

Numa mobilização geral, como no caso em apreço, também são convocados os poetas. A lira é arma de combate em muitas oportunidades. Versejando e cantando, o vate e o cantor contribuem para a vitória do seu grupo, exaltam seus heróis, ferem fundo os adversários, amenizam a desdita da grei. E' sempre bom versejar e cantar.

*Quem canta seu mal espanta  
Cantar ajuda a viver.*

Ajudando a viver, conseqüentemente ajuda a lutar. Sabiam desta verdade os brasileiros de ambos os lados que se bateram nas

398(814.2)  
C143



22.085  
Ex. 3

caatingas do sertão. Cessada a luta terrível, continuaram os trovadores rememorando os fatos, recordando as figuras principais. O ciclo poético de Canudos avançou pelo tempo. O vulto histórico do Conselheiro passou para o domínio do folclore. Canta-se, hoje, em Cruz das Almas:

*Antônio Conselheiro*  
*Vai guiando um avião*  
*Chorei, chorei.*

Há, portanto, um grande número de composições da poética anônima que constitui o *cancioneiro histórico de Canudos*. Baseado em peças já registradas por alguns pesquisadores nacionais e, sobretudo, no material recolhido na tradição oral, consegui reunir um documentário apreciável, que noutro ensejo tentarei interpretar. Por enquanto, apenas o documentário.

1

Do ceu veio uma luz  
Que Jesus Cristo mandou  
Sant'Antonio Aparecido  
Dos castigos nos livrou

(Sergipe - Silvio Romero)

2

Quem ouvir e não aprender  
Quem souber e não ensinar  
No dia de juízo  
Sua alma penará

(Sergipe - Silvio Romero)

3

O sol já se levanta  
Cheio de seu esplendor  
Antônio substitue Jesus  
Que do castigo nos livrou

(Bahia)

4

O Anti-Cristo chegou  
Para o Brasil governá  
Mais aí está o Conselheiro  
Para dele nos livrá

(Bahia — Euclides da Cunha)

5

Quem quiser remédio santo  
Lenitivo para tudo  
Procure o Conselheiro  
Que ele está lá nos Canudos

(Sergipe)

6

Antônio Conselheiro  
Por ser conselheirista  
Briga com o govêrno  
Não tem medo da poliça.

(Bahia)

7

Santo Antônio Conselheiro  
Era um velho indiabrado  
Fez trincheira na Igreja  
Sem ser visto nem notado.

8

Antônio Conselheiro  
E' home de opinião  
Matou Moreira Cesar  
E venceu seu batalhão

(Bahia)

9

Antoninho Conselheiro  
E' home de opinião  
No barulho de Horácio  
Pegava bala na mão

(Bahia)

10

No, dia do fogo primeiro  
Mataram Antônio Conselheiro

(Bahia)

11

Quem será este selvagem  
Este vulgo santarrão:  
Que encoberto de coragem  
Fere luta no sertão

(Rio-João do Rio)

12

Quem tiver sua mulata  
Prenda ela no cordão  
Que Antônio Conselheiro  
Tem unhas de gavião

(Sergipe)

13

Santo Antônio Conselheiro  
Escreveu ao Presidente  
Que urubú tá de bico doce  
De comê carne de gente

(Bahia)

14

Era Antônio Conselheiro  
De Canudos no sertão  
Resistindo à força armada  
Carabina e canhão

(Bahia - Carlos Chiachio)

15

Conselheiro já foi trunfo  
Já fez o morto vivê  
Porem hoje tá plantado  
Nunca mais é de nascê.

(Ceará)

16

Já foi rei, já foi rei na Bahia  
Porem hoje tá plantado  
No currá da mornaquia

(Ceará)

17

Nosso Antonio Conselheiro  
No reconco da Bahia  
Brigou três anos  
O Sínhô-Ó-lá-lá  
A favô da mornaquia

(Bahia)

18

Antônio Conselheiro  
Vai guiando um avião  
Chorei, chorei

(Bahia)

19

Coronel Moreira Cesar  
Viva nosso Brigadeiro!  
Viva o quinto de Policia!  
Viva o Exercito brasileiro!

(Bahia)

20

Moreira Cesar  
Quem foi que te matou?  
Foi a bala de Canudos  
Que o Conselheiro mandou.

(Bahia)

21

Capitão Moreira Cesar  
Chama-se "corta-pescoço"  
Veiu agora nesta guerra  
Deixar no sertão o osso

(Bahia - A. Peixoto)

22

Capitão Moreira Cesar  
 Chama-se bota-lombriga  
 Pois o chumbo é bom purgante  
 Prá limpeza da barriga

(Bahia - A. Peixoto)

23

Capitão Moreira Cesar  
 Anda de baixo p'ra riba  
 Pois o medo é boa purga  
 P'ra limpeza da barriga

(Bahia - A. Peixoto)

24

Coronel Moreira Cesar  
 Folha de cana caiana  
 Tomou chumbo dos jagunços  
 Foi morrer nas Umburanas

(Bahia)

25

Coronel Moreira Cesar  
 Nó de cana caiana  
 Tomou chumbo nas Queimada  
 Foi morrer nas Umbaranas

(Bahia - A. Peixoto)

26

Capitão Moreira Cesar  
 Folha de canã caiana  
 Tomou chumbo nas Porteiras  
 Foi morrer nas Umburanas

(Bahia — A. Peixoto)

27

Coronel Moreira Cesar  
 Olhos de cana caiana  
 Foi ferido nos Canudos  
 Foi morrer nas Umburanas

(Sergipe)

28

Capitão Moreira Cesar  
 Foi a guerra e não venceu  
 Está com oito que vence  
 Nas nove aribú comeu

(Bahia-Pedro Calmon)

29

Capitão Moreira Cesar  
 Quatorze guerras venceu  
 A terceira não inteirou  
 No Belo Monte morreu

(Sergipe)

30

Quando eu fui para Canudos  
 Moreira Cesar mais eu  
 Quando eu cheguei em Canudos  
 Moreira Cesar morreu

31

O povo do Conselheiro  
 Por atirá como reza  
 Quando eu cheguei em Canudos  
 Mataram Moreira Cesar

(Bahia)

32

Capitão Moreira Cesar  
 Moradô do rio do Su  
 Foi brigá no Belo Monte  
 Foi dá carne aos urubús

(Bahia)

33

Moreira Cesar morreu  
 Ao colocar um canhão  
 Um jagunço deu-lhe um tiro  
 No fundo do coração

(Bahia)

34

Capitão Moreira Cesar  
No seu cavalo alásão  
Virava-se Jesuino  
Venceremos batalhão

35

Venceremos batalhão  
Certamente é de vencê  
Que p'ra mandá a noticia  
Lá pro Rio de Janeiro

(Bahia)

36

O valente Moreira Cesar  
Confiou na valentia  
Dirigiu-se ao nosso Belo Monte  
Para acabar com o Conselheiro  
Quando êle morreu sem brigá

(Bahia)

37

Este Capitão Salomão  
Comandante de artilharia  
Tambem perdeu a vida  
Com Moreira Cesar e Tamarindo  
Quando com bravura nos repelia

(Bahia)

38

O Coronel Tupi Caldas  
De fato nada temia  
Mas perdeu da mesma maneira  
Porque os atos do nosso Bom Jesus  
Só o nosso Deus desfazia

(Bahia)

39

De Sergipe iam as tropas  
A jornada era a pé  
Passaram em Varzea da Ema  
Tejipan e Macambira  
Soldados cheios de fé  
E outros cheios de ira  
Eles eram comandados  
Pelo bravo Savagé

(Sergipe)

40

Mandou fazer-me convite  
General Artur Oscar  
Para eu ir para Canudos  
O Conselheiro acabar  
Vou-me embora, vou me embora  
Quando acabar de dansar

(Ceará-Gustavo Barroso)

41

Artur Oscar  
Se você morrer  
Vem me buscar?

42

Maria Helena  
Se eu morrer  
Você tem pena?

(Pernambuco)

43

O Alferes Vanderlei  
E' bicho de opinião  
Quando foi para Canudos  
Foi em frente ao batalhão

(Sergipe)

44

Alferes Francisco Teles  
Por ser bicho de arrelia  
Quando foi para Canudos  
Baixou logo enfermaria

(Sergipe)

45

Tenente Olavo Gonçalves  
Diz que um balasio levou  
Chegou sem arranhão  
Muita bravura contou

(Sergipe)

46

Tenente João  
A inspecção foi negada  
Usou alho... e sal nas botas  
Teve febre e perna inchada

(Sergipe)

47

Pobre tenente Zuzarte  
Tão valente e denodado  
Com fome comeu raizes  
E morreu envenenado

(Sergipe)

48

Os urubus de Canudos  
Escreveu ao Presidente  
Que já tão de bico fino  
De comê carne de gente

(Sergipe)

49

Quem fôr para Canudos  
Leve contas p'ra rezá  
Que Canudos é o inferno  
Onde as almas vão pená

(Sergipe)

50

Uma velha, muito velha  
Das perninhas de socó  
Assistiu o batalhão nono  
Passar em Cocorobó

(Sergipe)

51

O navio que nos pegou  
Era um pouco bandoleiro  
Nos pegou na Bahia  
Nos levou p'ro Conselheiro

(Sergipe)

52

O navio entrou na barra  
O mundo ficou azul  
Adeus Barra dos Coqueiros  
Capital do Aracaju

(Sergipe)

53

As mulheres de Canudos  
Guerream com agua quente  
Os meninos com pedradas  
Fazem voltar muita gente

(Sergipe)

Os jagunços assaltam viveres  
Barricas de bacalhau  
Os soldados mortos à fome  
Comiam raizes de pau

(Sergipe)

55

Oh! meu camarada  
Quem te trouxe por aqui?  
Vim da guerra de Canudos  
Mais eu não morri

(Bahia)

56

No dia do fogo cerrado  
Mataram todo soldado

(Bahia)

57

Eu de um bem que conto bem  
Mas de dois conto tudo  
Viva o povo que morreu  
Nesta guerra de Canudos

58

D. Sebastião já chegou  
E traz muito regimento  
Acabando o civil  
E fazendo o casamento

(Bahia - Euclides da Cunha)

59

Visita nos vem fazer  
Nosso Rei D. Sebastião  
Coitado daquele pobre  
Que tiver na lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

60

Garantidos pela lei  
Aqueles malvados estão  
Nós temos a lei de Deus  
Eles tem a lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

61

Bem desgraçados são eles  
Para fazerem eleição  
Abatendo a lei de Deus  
Suspendendo a lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

62

Casamento vão fazendo  
Só para o povo iludi  
Vão casar o povo todo  
No casamento civil

(Bahia - Euclides da Cunha)

63

Saiu D. Pedro II  
Para o Reino de Lisboa  
Acabou-se a monarquia  
O Brasil ficou atôa

(Bahia - Euclides da Cunha)

64

Este povo está perdido  
Está sem arrumação  
O culpado disso tudo  
E' o chefe da nação

(Bahia)

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — *Silvio Romero* — Cantos populares do Brasil — 2.<sup>a</sup> ed -Rio
- 2 — *Euclides da Cunha* — Os Sertões — 7.<sup>a</sup> ed. — Rio.
- 3 — *João do Rio* — A alma encantadora das ruas — H. Garnier — Livreiro Editor - Rio — 1908.
- 4 — *Carlos Chiachio* — Euclides da Cunha — Aspectos Singulares — Edições ALA.
- 5 — *Pedro Calmon* — História do Brasil na Poesia do Povo — Editora A Noite — Rio.
- 6 — *Afranio Peixoto* — Missangas — Cia. Editora Nacional -- S. Paulo — 1931.
- 7 — *Gustavo Barroso* — Ao Som da Viola — Rio — 1949.
- 8 — *João Goyaz* — Seguidilhas de Goiaz — Revista da Lingua Portuguesa — N. 62 — 1928.

### Publicações do Centro de Estudos Bahianos

- 1 — *Capelas antigas da Bahia* — Prof<sup>a</sup>. Anfrisia Santiago
- 2 — *O primeiro teatro do Brasil* — (Docs. de 1833) — Affonso Ruy
- 3 — *Um discurso de Silvio Romero* — José Calasans
- 4 — *O príncipe de Joinville no Brasil* — Frederico Edelweiss
- 5 — *A Colônia Leopoldina (1858)* — Herman Neeser
- 6 — *O Cacau na economia brasileira* — Frederico Edelweiss
- 7 — *O cronista e a crônica do Brasil* — Alberto Silva
- 8 — *Um depoimento diplomático* (correspondência do consul americano da Bahia — 1821 - 1823) e Cid Teixeira.
- 9 — *Amor de príncipes (1843)* — Affonso Ruy
- 10 — *O processo dos eclesiásticos da inconfidência mineira* — Alberto Silva.
- 11 — *Estadistas bahianos do império* — Affonso Ruy.
- 12 — *Um Documento Inédito Sobre as Fortificações da Cidade Salvador* — Alberto Silva.
- 13 — *Padroeiros da Cidade do Salvador* — José Lima

Toda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto n.º 9. — Salvador - Bahia

# Centro de Estudos Bahianos

---

---

ZAHIDÉ MACHADO NETO

## QUADRO SOCIOLÓGICO DA “CIVILIZAÇÃO” DO RECÔNCAVO

---

---

**PUBLICAÇÃO**  
**SALVADOR - BAHIA**

**71**

ZAHIDÉ MACHADO NETO

QUADRO SOCIOLÓGICO DA  
"CIVILIZAÇÃO" DO RECÔNCAVO

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral,  
Prof. José Calasans, Academia de Letras da Bahia, Terreiro de Jesus,  
Salvador — Ba.

SALVADOR — BAHIA — 1971

# QUADRO SOCIOLÓGICO DA "CIVILIZAÇÃO" DO RECÔNCAVO

ZAHIDÉ MACHADO NETO

"Cavidade funda, enseada, gruta", assim geograficamente se pode definir aquela região litorânea da Bahia de Todos os Santos — o Recôncavo — expressão que tem um denso sentido histórico e sócio-cultural.

Nos primeiros momentos do povoamento ali se instalaram os colonizadores, que do litoral passavam terras a dentro, aos recôncavos ou terras interiores.

Se o Recôncavo dos geógrafos tem uma delimitação resultante da estrutura geo-fisiográfica da área, para os historiadores, de início, e de relativamente poucos anos para cá, para os sociólogos, êle é uma área menor que aquela delimitada pelos geógrafos, o conceito daquêles repousando, de um lado na formação e povoamento e por outro, como sua resultante, nas específicas relações homem-meio que ali passam a ser travadas no decorrer de mais de quatro séculos.

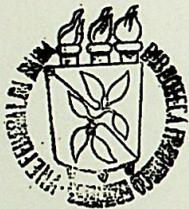
O chamado Recôncavo geográfico, compreendendo a área em tôrno da Bahia de Todos os Santos, cuja entrada é a cidade do Salvador, se estende, no conceito fisiográfico, o qual leva em conta a formação de terrenos e a resultante utilização do solo.

Na elaboração dos conceitos sociológicos, considerando-se a própria complexidade da região, e talvez mesmo como um modo de demonstrar tal complexidade, prefere-se lançar mão de subdivisões. Tais subdivisões, para L.A. Costa Pinto, por exemplo, na sua obra pioneira intitulada *Recôncavo* (1), tomam como base as atividades desenvolvidas nas sub-regiões ou zonas levando em conta, ainda, as delimitações propostas pelos geógrafos e historiadores.

Seis sub-regiões são, dêsse modo, propostas por Costa Pinto.

- 1 — Zona da pesca e do saveiro, situada na orla marítima;
- 2 — Zona do açúcar, localizada nas terras do massapé;
- 3 — Zona do fumo, mais recuada do litoral;
- 4 — Zona da agricultura de subsistência, que é uma área descontínua que se espalha por todo o Recôncavo;

(1) — L. A. Costa Pinto — *Recôncavo*.



- 5 — Zona do petróleo, superposta às zonas da pesca e açucareira, situando-se nas áreas do massapé, na orla marítima, nas ilhas;
- 6 — Zona urbana de Salvador que por suas características metropolitanas, como centro de consumo, de comércio, de redistribuição, de serviços, de influência política e de controle administrativo, de vida intelectual, de contactos com o mundo representa um dos principais fatores, simultaneamente, de unidade e de diversidade do conjunto.

Muito embora alguns historiadores defendam a idéia de que, pelo menos nas primeiras décadas da Colonização, Salvador não esteja realmente integrada na configuração sócio-cultural do Recôncavo, sendo mais um "centro cívico" que um "centro sociológico" (2), ela de alguma sorte contribuirá, como polo cristizador, como síntese de toda a grande região que mais que isso é toda uma cultura — e por que não? — todo um modo de ser e todo um sentimento.

Recôncavo quer dizer açúcar, açúcar e fumo, e massapé, escravo e barão, saveiro, rios que se confundem com lagamares, com a baía, artesanato de cores extraordinariamente ricas, e mais petróleo, tórres e "cavalos" furando o massapé, torres nas enseadas azuis, casas-grandes caindo em ruínas, boeiros cobertos de melão-de-são-caetano, as ruas iguais das casas iguais da zona residencial da refinaria do Mataripe, os grandes navios petroleiros aportados na entrada do boqueirão, na ilha de Madre de Deus, bem defronte à igreja de Loreto no mais puro estilo jesuítico seiscentista, na ilha dos Frades.

Se o Recôncavo "sociográfico" proposto por Costa Pinto hoje praticamente coincide com o Recôncavo "oficial", levando-se em conta a rede de comunicações ele se amplia, englobando regiões que vão até Feira de Santana e Alagoinhas. Atendendo as observações dos economistas ele vai bem adiante, até a ponta sul de Marau. (3).

Para Costa Pinto importa levar em conta os núcleos que indicam a integração da área por características sócio-econômicas comuns, decorrentes das relações dos homens com a natureza e dos homens com os homens.

De fato. Desde o início do século XVI procede-se ao apossamento e ao povoamento. No final desse século o Santo Ofício, numa visitação, indica numerosas freguesias, todas "com serventia por mar". No século XIX Vilhena cita muitas das vilas que já vinham do século XVI, vivas até hoje em cidades, dotadas dos mesmos primeiros nomes sonoros: Cachoeira, Serigipe do Conde (São Francisco do Conde, Santo Amaro da Purificação, Jaguaripe, Maragogipe).

As bordas do mar, ou à beira-rio faziam-se aquelas vilas, perto delas ergueram-se os engenhos cujas caixas de açúcar por mar escoavam para a capital, para a Metrópole, para o mundo. Todas as

(2) — José Calasans e Cid Teixeira — assim se expressam no Seminário sobre definição do Recôncavo — Curso sobre o Recôncavo — UFBA — USP — março — 1969.

(3) — Segundo indicação de Mary Castro no seu Relatório de uma pesquisa realizada no Mestrado em Ciências Humanas da UFBA., intitulada "Ocupações valores e opiniões em São Francisco do Conde" obtidas no plano Conder-Clan, 1969, ainda não publicado.

estradas levavam à capital, mas pouco a pouco as vilas estabelecem vias de comunicação entre si. Mas tudo o que em toda a área se produzia, de grande, açúcar ou fumo, jogava-se para o escoadouro metropolitano.

A monocultura açucareira, elemento propulsor de toda área mais extensa e mais representativa do Recôncavo, encontra no massapé um solo ideal; no sistema de propriedade — as sesmarias — um ponto de partida excelente para o seu crescimento. A produção para exportação vai se adequar e integrar no sistema capitalista mercantil mundial.

Fundamenta-se o sistema de produção nas bases terra-homem-técnica: o escravo, o latifúndio, o engenho. Cresce, amplia-se, o complexo com o equilíbrio mantido pela política econômica dos centros de decisão que então nas grandes metrópoles; mantem-se o equilíbrio interno com o munus dos senhores, representantes e defensores do poder central, aos quais incumbe a defesa da terra dos franceses e dos indígenas, e destes últimos mais que defesa, a recuada para o interior, a tomada das terras nas quais antes viviam, o controle das concessões de terras imprestáveis à cana para plantio de produtos para subsistência.

O engenho como unidade sócio-econômico-cultural cresce e mantem-se autônomo. Salvador, entreposto comercial, escoadouro da produção, centro cívico é o lugar em que os senhores de engenho vão apenas para as reuniões da Câmara, as grandes festas litúrgicas, e principalmente para os negócios.

As primeiras concorrências ao açúcar brasileiro no mercado mundial, ainda no século XVII, o crescimento da produção em Pernambuco, a corrida do ouro no centro-oeste atraindo o mercado para outra área de interesse, se tudo isso ameaça a estabilidade do sistema sócio-econômico do engenho do Recôncavo, as suas bases solidamente plantadas são suficientemente resistentes, àquela altura, para aguardar melhores tempos. E eles chegam. Timidamente nos fins do século XVIII, mais vigorosos nos primeiros anos do século XIX. Recuperam-se os preços no mercado mundial. Com a Revolução Industrial, na Europa, opera-se um visível crescimento demográfico e um crescente processo de urbanização. Amplia-se o consumo do açúcar, e problemas internos na região antilhana são causas indiretas da procura de açúcar do Brasil no mercado mundial.

As crises naturais — pragas nas plantações, a epidemia de cólera na Bahia, ocorrentes nas primeiras décadas do século XIX — não chegam a alterar demasiadamente um quadro de relativo equilíbrio que sofrerá, porém, uma rutura de grandes proporções com a Abolição.

A modernização da tecnologia da produção do açúcar, chegando a nós por voltas de 1878, com a usina, representa menos que uma solução, um problema. A adoção da nova tecnologia é um investimento que representa emprêgo de capital considerável em maquinaria e mão-de-obra mais especializadas. Algumas tentativas de modernização são levadas a cabo em corporações, as sociedades anônimas reunindo remanescentes das grandes famílias dos engenhos, às vezes associadas a capitais estrangeiros na nova fórmula: a usina.

Muitas perspectivas logo se frustram, outras tantas conseguem sobreviver, graças à absorção do produto pelo mercado interno, por alguma política protecionista na defesa do açúcar desenvolvida pelo governo.

Tal situação perdura dentro de um quadro de crise iminente até os anos quarenta do nosso século.

O crescimento da produção do açúcar no Rio, e logo depois em S. Paulo, repõe a crise em termos um pouco diferentes.

Em 1902 possuía o Recôncavo 21 usinas (4). Hoje existem 7 das quais 5 apenas estão em funcionamento, sua produção representando apenas 1,38% da produção nacional (5).

Cresce, no momento, uma crise em proporções que levam a acreditar que ela se põe em termos definitivos.

"A zona da pesca e do saveiro" proposta por Costa Pinto representa uma área de características singulares, sua complexidade decorrendo do relacionamento direto com a zona da pequena agricultura de subsistência, com a do açúcar e com a área metropolitana à qual se liga pelos caminhos do comércio de transporte dos produtos de extração (coleta e pesca) e da produção artesanal.

Nas ilhas e nas bordas do mar da baía de Todos os Santos implantaram-se, desde o primeiro século da colonização, povoados e vilas, pequenos centros administrativos e comerciais a desenvolverem atividades de autênticos satélites da capital: Itaparica, Santo Amaro da Purificação, S. Francisco do Conde, São Félix, Cachoeira, Nazaré, São Roque, Jaguaripe, Maragogipe, Saubara.

Nos lugarejos e nos "corridos de casa" das praias e das enseadas, no decorrer dos tempos, consolidou-se uma população que, próxima da área do açúcar, a ela se liga por vias do mar. Nos saveiros se transporta o açúcar para os centros mais populosos e para a capital; no mar se pesca para comer e para vender o peixe e assim comprar a farinha, e com que iluminar a casa de sapão e palha de coqueiro; pelo mar se transporta a rica produção artesanal: tijolos e telhas, louças de barro e uma enorme variedade de produtos artesanais, além de cal, madeira, milho, feijão, cachaça, frutas, verduras e hortaliças.

"O comércio e o transporte, a produção artesanal, a extração, a coleta e a pesca são as atividades econômicas fundamentais em que se assenta a vida nesta faixa do Recôncavo" escreve Costa Pinto (6).

Os tipos ocupacionais variadíssimos: o pescador, o oleiro, o marinheiro, ou embarcadiço, o trabalhador de caieira existem como resultantes de uma adaptação ecológica e de atividades econômicas que em pouco ultrapassaram o nível tecnológico do artesanato, da simples coleta e da extração.

No contacto com novas situações decorrentes do surgimento de novas necessidades e novas técnicas aquela população vem sofrendo um processo de reajustamento que implica na perda da situação seminatural, ou se quisermos dizer metafóricamente, "paradisíaca", para uma situação de sub-proletariado, no quadro geral da região, há algum tempo lançada em larga faixa a uma economia empresarial, mais urbana, mais dependente de estruturas sócio-econômicas mais racionalizadas.

(4) — Luiz Henrique Dias Tavares, *A Involução Industrial da Bahia — Publicações da Universidade Federal da Bahia*, 1966 — p. 13.

(5) — Renato Novis — Conferência pronunciada no curso sobre o Recôncavo — UFBa — USP — 1969.

(6) — Costa Pinto — *Recôncavo* — 1968 — p. 30.

As figuras do saveirista, do pescador, do homem do mar, que a literatura do Recôncavo da baía de todos os Santos expressou em momentos de rara sensibilidade e grandeza nas mãos de um Xavier Marques, de um Jorge Amado, por exemplo, começam a ficar esmaecidas.

As múltiplas atividades que pela natureza rudimentar de suas operações, das técnicas e dos instrumentos usados possibilitavam ao mesmo indivíduo desenvolvê-las simultaneamente: pescando hoje, fazendo tijolos amanhã, trabalhando em saveiro logo depois, embora um pouco alteradas ainda perduram no "petroleiro" de ontem, pescador de algum tempo atrás, trabalhador comum das pequenas roças de banana ou de hortaliças de hoje.

Na paisagem que a colorida propaganda turística vem pintando, no cotidiano das feiras, das quitandas, nas festas do calendário religioso-profano da Bahia, nas rodas de capoeira e de samba, festas de santos católicos e negros que se misturam com as montanhas de frutas e cheiros exóticos não falta a presença do homem das ilhas e das praias dos "recôncavos". A trama do comércio dos produtos do mar, do artesanato, das frutas e verduras inclui o saveirista, os pequenos comerciantes, homens e mulheres que semanalmente das zonas praianas do Recôncavo vêm à cidade vender os produtos de quintal e de artesanato doméstico. É importante a figura do dono do saveiro, comerciante também ele, que transporta pessoas e mercadorias, que produz e vende essas últimas, num fluxo constante que representa uma parte considerável do abastecimento da capital.

O crescimento de outras vias de comunicação, inicialmente estradas de ferro, depois as rodagens, vem dando um golpe de morte no saveiro como meio de transporte no Recôncavo.

E hoje, se o sistema ferroviário convencional está em crise, o Recôncavo está totalmente cortado de boas estradas de rodagem, que só não são melhores devido aos incessantes danos provocados pelo massapê.

As velas brancas dos saveiros de nomes que fazem boa parte da poesia da grande baía: Estrela d'Alva; Flor do Mar; Vendaval; Senhora das ondas, tantas invocações de tantas Nossas Senhoras: de Guadalupe, do Loreto, das Candelas, da Boa Viagem... as velas brancas ameaçam escassear no azul inconfundível da baía de Todos os Santos. Brevemente o ferry-boat estará em funcionamento.

A pesca desde os momentos iniciais da colonização representou uma atividade extremamente importante no sistema de alimentação da população do Recôncavo.

O abastecimento da capital por produtos do mar se se fez a princípio nas suas próprias praias e áreas marítimas mais próximas, a pouco e pouco amplia-se para as partes mais fundas do bolsão da baía.

Assim o português consegue manter a linha de sua culinária, dos seus gostos sempre tão dependentes dos peixes, dos camarões, dos crustáceos; assim as populações mais pobres encontram seus sustentos.

As casas-grandes mais famosas do Recôncavo não dispensavam entre a escravaria especializada na casa e no seu abastecimento, o escravo-pescador, a escrava catadeira de ostras, apanhadora de siris e caranguejos.

A atividade da pesca vai se especializando, no passar dos tempos, de modo a desenvolver-se sobre ela uma rede de relações inti-

mamente vinculadas ao tipo de técnica utilizada. A rede, a pesca de linha ou vara, a simples coleta de caranguejos, siris, ostras implicam tipos diferentes de trabalho e de relacionamento. A pesca de rede por exemplo, envolve muitas vezes um complicado sistema de patronato, de tarefas e de partilha do produto.

Costa Pinto propõe, relativamente à economia pesqueira do Recôncavo, uma triplíce tipologia de trabalhadores:

- 1 — o assalariado, profissional da pesca;
- 2 — aquele que tem a pesca como atividade suplementar, trabalhando na condição de assalariado numa dessas atividades ou em ambas;
- 3 — o que exerce a atividade na condição do que se costuma chamar de "trabalhador autônomo".

Tais tipos estão vinculados ao modo de exploração, ou melhor, aos modos de realização da coleta ou técnicas empregadas, bem como ao próprio produto que se irá obter. O primeiro tipo se enquadra, principalmente, na pesca de rede e canoa, implicando num trabalho de equipe e na presença de um dono da rede e da canoa que contrata ou partilha, de alguma sorte, o produto com os pescadores. A produção é vendida diretamente ao consumidor ou a atravessadores, arrematantes ou intermediários. No segundo caso está o pescador quase sempre solitário que suplementa, assim, em certas épocas do ano, em certos dias da semana ou em certas horas do dia, seus ganhos principais. Esse tipo tanto poderá pescar de linha ou vara em mar aberto ou em litoral, como catar siris e caranguejos no mangue, consumindo o produto ou vendendo diretamente ao consumidor.

O pescador "trabalhador autônomo" é uma figura que começa a desaparecer por imposição da concorrência de novas formas de organização e tecnologia da indústria pesqueira. A pesca em alto mar, que é sua especialidade, encontra no processo de frigorificação e mesmo antes, no simples gelo em caixão, um elemento alterador de todo o sistema social de pesca do Recôncavo. Com a utilização do processo de frigorificação pelos arrematantes do produto da pesca de alto mar realizada pelos "autônomos", principalmente, ficam estes à mercê daqueles e da sistemática concorrência do produto lançado no mercado em bases completamente diferentes, por organizações empresariais de modelo industrial capitalista. A atividade pesqueira no Recôncavo começa, assim, um processo de crise cuja tendência é um incessante agravamento.

Embora em processo de decadência a atividade da pesca ainda representa um poderável elemento de ganho que em certo sentido é responsável pela própria sobrevivência das populações mais pobres do Recôncavo.

No mangue vão, mulheres e crianças, homens degradados pelo desemprego, ou — casos raros — aqueles que querem quebrar a rotina da faina diária em uma atividade certa, à busca do caranguejo, que com a farinha representa o sustento na luta diuturna contra a morte.

A lavoura do fumo representa no quadro sócio-econômico e cultural do Recôncavo um elemento relevante, principalmente se a ela se associar a indústria fumageira que marca a paisagem das

margens e arredores do rio Paraguaçu, convivendo com os restos de velhos engenhos e das também já velhas usinas.

Instrumento de troca como moeda para compra de escravos nas costas da África, usando as terras magras imprestáveis para a cana, o fumo, como se diz na Bahia, "é lavoura de pobre".

Suas várias qualidades marcarão a reputação do produto nos quais são usadas. O fumo da mata de Maragogipe e S. Felipe assemelha-se ao fumo de Sumatra. O fumo inferior será usado no chamado fumo-de-corda, preparado com mel de cana, mascado por pessoas das camadas mais pobres e usado como remédio infalível para dores de dentes, e para outros males.

Junto às atividades agrícolas, onde permanecem relações de trabalho de tipo arcaico, comuns nas zonas agrárias de quase todo o Brasil, desenvolvem-se, a partir dos fins do século passado, atividades industriais do tipo capitalista que contemplam relações de trabalho de tipo contratual.

Junto às fábricas de charutos onde se adota uma tecnologia moderna e toda uma organização empresarial: o trabalho assalariado, o operário, o escritório, encontramos um quadro diferente: persistem no campo relações de trabalho que em muito pouco diferem da comum parceria no aluguel da terra, cabendo sempre ao proprietário desta as funções de concentrar o produto que ele estoca e vende aos trapiches ou diretamente às fábricas. Dêsse modo o fazendeiro da zona do fumo, concentrando o seu produto e dos seus parceiros, transforma-se num agricultor-comerciante e daí em trapicheiro, incumbindo-se do primeiro preparo, mediante processos rudimentares, do fumo, que ele transforma em "manocas" e estoca para revender. É ele, assim, um atacadista e uma mola poderosa no funcionamento de todo o sistema, inclusive financiando a produção e controlando-a.

Vale ressaltar que as fábricas, através da produção própria nas suas áreas de fazenda procuravam aprimorar a matéria-prima, enquanto o fumo do fazendeiro comum, de qualidade inferior em sua boa parte, destina-se ao mercado da região e adjacências.

A indústria do fumo, no Recôncavo, com sua existência sempre periclitante em face das contradições estruturais do sistema agrário subsistente, chocando-se com as práticas racionalizadas que a própria indústria exige, começa a entrar numa crise que se agrava com o fechamento, nos anos cinquenta de uma das duas grandes fábricas que conseguiram sobreviver. Já agora, os jornais noticiam o fechamento das portas da última grande fábrica de charutos do Recôncavo.

Na atividade fumageira desenvolvem-se dois tipos ou estilos de relações sociais decorrentes diretas das relações de trabalho: enquanto no trabalho agrícola a mão-de-obra recrutada é a local, já de longa data, geração após geração vivendo "no fumo", as atividades de tipo empresarial atraem mão-de-obra forasteira, imigrantes de outras regiões do Estado. As aspirações das gerações mais novas, nem sempre atendidas, no sentido de sair do trabalho agrícola para o trabalho de fábrica na cidade vai ser um expediente de importância na alteração dos valores e dos comportamentos rurais quando o elemento do campo volta ao contacto com o seu meio de origem após a vivência na estrutura urbano-fábrica.

Por outro lado, lembra muito bem Costa Pinto, a recíproca também é verdadeira, quando se observa a influência de padrões de relações sociais, valores e comportamentos de tipo tradicional-paternalista predominante na estrutura agrária, presentes

também, embora em processo de desaparecimento, nas relações industriais. Daí, pensa o mesmo autor, que a desorganização do padrão anterior não correspondendo um novo padrão substitutivo venha de ocorrer um "vasio sócio-psicológico no qual flutua o trabalhador urbano e industrial das fábricas e usinas do Recôncavo." (7)

Um outro aspecto de implicações humanas na agro-indústria do fumo é o trabalhador feminino. A mão-de-obra feminina é recrutada não só para o trabalho do campo como para o próprio preparo do fumo das suas formas mais rudimentares até o fabrico dos charutos mais finos nas fábricas, atividade essa, aliás, que tem uma tradição relativamente antiga em outros países.

A presença da mulher na fábrica, nos centros urbanos, como bem observa ainda uma vez Costa Pinto, vai implicar em alterações na organização familiar, já que a sua aparente independência obtida pelo trabalho cria um tipo de relacionamento com o homem de modo a constituir-se uma espécie de matriarcado característico das famílias das camadas mais pobres.

É possível observar um sistema de uniões conjugais extralegis, relativamente passageiras que representam um modo muito específico da mulher sustentar o companheiro, entregue quase sempre à vadiagem e ao biscate. Assim é que ela garante o sustento da família, na fábrica e depois, crescida a prole, na produção doméstica de charutos baratos de fumo grosseiro, que ela vende na própria casa ou que os filhos vendem nas ruas, nas estações, nas praças.

Além das atividades do fumo trabalha a mulher, como a criança, nos vários artesanatos, principalmente de louça de barro, de telhas e tijolos, além das rendas de bilros e bordados típicos, já agora em plena decadência pela concorrência com os produtos industrializados ou com um artesanato organizado em termos de produção industrial, como por exemplo as costuras do Ceará.

A zona da agricultura de subsistência é uma área descontínua a se confundir com a zona da pesca e do saveiro, do fumo e açúcar. Realizando um tipo de trabalho da terra ainda nos moldes de séculos atrás já se começa, porém, a alterá-lo no sentido de um trabalho mais racionalizado por força do próprio crescimento do consumo e da expulsão, nas antigas áreas peri-urbanas de Salvador, de tradicionais hortas, hoje bairros populosos para os quais já se dirige inclusive a classe média, nos conjuntos residenciais, nos "bairros novos" etc..

E chega-se ao petróleo, que só será convenientemente entendido no quadro sócio-econômico e cultural do Recôncavo se se consegue dimensioná-lo e referi-lo ao açúcar, já que ele definiu, em boa parte, os seus limites geográficos nas terras do massapê e nas ilhas próximas a este, superpondo-se na mesma zona à agro-indústria do açúcar já em processo crítico.

As mudanças ocorrentes no Recôncavo por força da presença do petróleo, da sua obtenção, do seu preparo em nível industrial, do escoamento dos subprodutos, a alteração da paisagem física e humana de um dos mais velhos núcleos de povoamento do Brasil, tudo isso só será melhor entendido equacionando-se o problema em termos da agro-indústria do açúcar.

Quando o petróleo "chega" ao Recôncavo açucareiro já este vivia um longo processo de decadência. E só assim há que ser en-

(7) — Costa Pinto — Op. cit. — p 54

tendido pelo menos em suas linhas gerais, o problema do binômio açúcar-petróleo. E assim podemos compreender a euforia que graçou nos momentos iniciais da implantação das torres de extração e da instalação da Refinaria e a mudança regressiva que alguns começam a suspeitar que se esteja operando por força do crônico processo de decadência agravado pela interveniência de atividades do setor secundário. Assim se põe inexoravelmente o panorama físico e humano da região.

Vale portanto voltar ainda um pouco ao passado, embora a um passado próximo.

A agro-indústria do açúcar no Recôncavo criou, não resta dúvida, um complexo cultural cujas sólidas bases ainda hoje explicam uma série de valores, de crenças, de comportamentos e de relacionamentos presentes na vida da própria área, e como extensão, em muitos aspectos da vida de alguns grupos na própria capital.

A situação de estagnação ou de crise latente perdura até os fins da década de quarenta deste século. Desbaratado, em termos econômicos, o sistema familiarístico do engenho, agoniza o sistema da usina, salvo um ou outro caso especial.

Os descendentes das casas-grandes encontrarão na capital nos empregos públicos, na profissão liberal, principalmente, outros caminhos para viver e sobreviver. O passado quando não é escamoteado a duras penas, é apenas a saudade dos avós e bisavós barões.

No massapê ficou "o resto", a população mesquinha presa à usina sempre à beira da crise, no desemprego intermitente, na pequena lavoura, na pesca.

É possível se observar um paulatino esfacelamento da propriedade nos municípios da cana-de-açúcar, devido em grande parte a impossibilidades econômicas dos proprietários para mantê-la. Por seu turno na década de 50-60 a agro-indústria canavieira baiana perde completamente as condições de competição com Pernambuco e o sul do País.

Na década de 50 o petróleo, descoberto no coração da área do massapê, a Refinaria que se está instalando lançam a possibilidade de "salvação".

A explicação vulgar de que o atraso, a miséria e a fome eram "obra do destino" junta-se então aquela outra de que se estava diante de uma espécie de "dádiva dos céus", de esperança e salvação. E se começa a viver a euforia nos grandes dias e as grandes preocupações: os proprietários de terras põem-se numa atitude de descrença e mesmo de oposição à atividade da Petrobrás.

Alguns poucos esperam a revitalização da economia local, a ampliação das perspectivas. Sem dúvida, o município mais diretamente afetado pela nova situação — São Francisco do Conde — vê ampliadas suas rendas graças ao giro comercial e alterado em boa medida o panorama de estagnação, de marasmo, em que vinha se arrastando por quase um século.

A instalação de uma empresa industrial de capital considerável, possibilitando a absorção de mão-de-obra com salários relativamente altos numa área de economia agrária em lento processo de decadência, presa a valores e padrões tradicionalistas e fatalistas, sem dúvida que teria de agir como um fator geral de alteração, seja pela transferência de boa parcela dos trabalhadores agrícolas, dos sub-empregados ou dos constantes desempregados para os trabalhos ligados à Petrobrás, seja pelos métodos de trabalho introduzidos, seja

pelos novos níveis de aspirações que se apresentam, seja pela própria presença de uma população estranha que passa a viver e gravitar em torno da área-base de atuação da Petrobrás. E nenhum município, nenhuma região do Recôncavo viveu tanto essa situação como S. Francisco do Conde, sua sede (a bela cidade enclavada no fundo do bolsão da baía de Todos os Santos, a "vila" como até hoje é chamada, de glorioso e faustoso passado) e toda a sua zona rural.

A Petrobrás atua na área mais funda do Recôncavo durante aproximadamente 10 anos com uma força considerável: abrindo estradas, construindo, concentrando populações, ocupando áreas até então inexploradas pela agro-indústria açucareira e pela pecuária. Por outro lado ela inflaciona os custos de existência. As compras para abastecimento do pessoal da empresa, os salários altos (se comparados com os salários locais, estaduais e até nacionais) sacudiram a economia local.

Cresce assim o giro comercial no Estado e aumenta a arrecadação de certos impostos; os municípios nos quais a Petrobrás atua também duplicam suas arrecadações.

Por seu turno, naquele quadro, também a vida social se altera. Os índices de status, de poder e prestígio sofrem modificações. O recrutamento da desqualificada mão-de-obra local para os trabalhos, em geral, menos exigentes no que diz respeito ao nível técnico, para os trabalhos de construção da Refinaria, para as atividades do campo, faz com que u'a massa relativamente grande da população passe a viver sob a égide da torre do petróleo, do capacete de alumínio. O processo de urbanização é facilmente constatável e é evidente o aumento do consumo de produtos que confirmam, de imediato, prestígio e riqueza.

A adaptação da população nativa aos novos ritmos de trabalho, alterado o panorama tradicional do regime de relacionamento, traz como consequência alterações ao nível do comportamento, uma certa margem de crise de ajustamento — reajustamento. A elevação do padrão de vida junta-se a "criação de novos canais de mobilidade social, tensão social e psicológica, mobilização de mecanismos de adaptação e assimilação de pessoas, valores e instituições" (7).

A modorra da vida nas áreas urbanas agora movimentadas pelas estradas, pelos autos e caminhões, pela "gente de fora", vê-se alterada numa agitação que chega a quebrar o silêncio quase tumular de cidades como São Francisco do Conde, com seus sobrados centenários, suas igrejas majestosas, seu convento — jóia da arquitetura colonial do Recôncavo. Mesmo na área rural a "agitação do petróleo" muda o cotidiano das usinas e dos engenhos, em cuja estreitíssima vizinhança estão as estradas com caminhões cheios de gente, de ferragens, com caçambas e com buzinas ruidosas.

A tranquilidade do status quo social também se verifica. A pequena classe média tradicional das cidades, constituída de funcionários públicos, pequenos fazendeiros e negociantes, principalmente, vem se juntar uma nova camada constituída de operários qualifica-

dos, de burocratas e técnicos da Petrobrás. E, como é de se esperar, de pronto são identificáveis as diferenças de costumes, aspirações e valores.

A camada mais alta da estratificação na zona de influência do petróleo, quase toda ela constituída de proprietários de usinas e pecuaristas, põe-se numa atitude de reserva em face da Petrobrás e de tudo quanto diga respeito ao petróleo. Céticos de início, ante a realidade dos fatos sentem de alguma sorte a perspectiva de um certo ostracismo no que diz respeito ao poder, ao mundo, à consideração da grande massa da população. Embora na sua grande maioria, residente na capital, e proprietário rural tradicionalmente controlador da vida política e econômica vê-se, quase que repentinamente, relegado a um segundo plano no quadro geral dos prestígios no momento do auge da "euforia do petróleo".

Recrutando mão-de-obra para os trabalhos braçais, não qualificados, na massa da população tradicionalmente disponível, a Petrobrás vai ao mesmo tempo armando e ordenando o quadro de operários permanentes, qualificados anteriormente, ou preparados em cursos da Companhia, os quais são devidamente selecionados e testados por órgãos específicos.

O que se verifica, no momento áureo dos trabalhos de implantação da Refinaria Landulfo Alves (Mataripe), do terminal marítimo de Madre Deus e de um ou outro setor especializado no campo para os trabalhos de pesquisa e lavra, naquele momento em que é recrutada boa parte da mão-de-obra local para aquelas atividades, é um assinalável nível de imprevidência, de consumo de ostentação por parte daquelas pessoas que pela primeira vez se vêm diante do que então se reconhecia como "a verdadeira riqueza": os relativamente altos salários pagos pela Petrobrás. Sabe-se, através do folclore que se foi fazendo que começam a ocorrer, a partir daqueles momentos, casos bem parecidos àqueloutros do cacau nos anos vinte na zona de Ilhéus e Itabuna, no sul do Estado: cigarros e charutos acesos com notas de mil cruzeiros, mesas de jôgo com altas apostas, cabarés (no caso, "boates") com bebidas caras, mulheres bem vestidas e bem falantes, brigas e mortes (choques dos "de fora" com a "gente da terra", da "gente da Petrobrás" com a "gente da terra").

Em certas zonas — na ilha de Madre de Deus, por exemplo, terminal marítimo e domicílio de muitos dos trabalhadores não qualificados na época da construção da Refinaria — a euforia do dinheiro antes nunca visto, ou sequer pensado em tal abundância, traz alterações evidentes não só no que diz respeito à ampliação do comércio local, ao crescimento demográfico e urbano mas também no comportamento dos indivíduos, no relacionamento do homem com a mulher e a criança, nos festejos religiosos tradicionais e, mesmo, na maneira de vestir, de casar, de festejar aniversários, de visitar parentes e amigos, e até de enterrar os mortos.

Ilha de veraneio, no espaço de poucos anos Madre Deus vê quebrado seu silêncio, sua tranquilidade paradisíaca: a praia infesta-se de petróleo e enche-se de "estranhos". A gente todo ano disposta ao trabalho doméstico no verão, desaparece; o peixe, os siris e camaranguejos, as ostras, as frutas, rareiam. E sabe-se de casos interessantes: o pescador-comerciante de peixe, sempre colíto todos os verões prefere vender seu peixe ao "comprador do ano inteiro" (os empregados qualificados da Petrobrás) e, para o parecer do veranista tradicional "dinheiro da Petrobrás até parece que vale mais que o nosso".

(8) — Jussara Moraes — Relatório preliminar de uma pesquisa intitulada "A juventude em um município do Recôncavo Baiano: Situação e perspectivas" — datilografado — 1969 — Mestrado em Ciências Humanas da UFBa — Bahia — p. 15.

São anos de "crise latente", como diziam muitos veranistas, que atingirá o veraneio, as propriedades sempre suspensas à possibilidade de desapropriação. Começam a ocorrer pequenas questões relativas a invasões de cercas, perda de gado, diminuição da tradicional e submissa mão-de-obra na agro-indústria do açúcar e na pequena pecuária.

Não são poucos as novas situações decorrentes da presença da Petrobrás em boa parte do Recôncavo, muitos dos quais chegam, na base da discussão, das salas de reuniões das diretorias das maiores usinas às pontas de esquina, aos lares e "snokers", às "portas de rua" dos casebres mais humildes, onde a própria razão de ser da Petrobrás e do petróleo, seus "pontos negativos e positivos" são debatidos.

A agro-indústria do açúcar mantém-se, mesmo nos anos de maior força de ação da Petrobrás, na sua crise crônica; mesmo arrebanhando trabalhadores das plantações e das usinas, e até operários mais qualificados pelo seu nível técnico, a Petrobrás, parecerá, em muito pouco contribuiu para alterar aquela crise. As fazendas e usinas foram capazes, pondo em funcionamento uma série de mecanismos fundados principalmente na lealdade e na tradição, de manter, de alguma sorte, o seu nível de produção já precário antes mesmo da descoberta das jazidas de petróleo no Recôncavo.

Por outro lado, à medida em que se efetiva a implantação da Refinaria, isto é, de tudo aquilo que será definitivo nas operações de extração, refino e transporte do petróleo e seus derivados, a mão-de-obra não qualificada vai sendo dispensada, voltando às suas bases e reintegrando-se no quadro tradicionalmente crítico da região, já agora com sua crise evidentemente agudizada.

O que se verifica, então, atualmente, é o que já se podia vislumbrar por voltas de 1958 e 1959: ao lado do declínio continuado da agro-indústria do açúcar (que mesmo assim absorve, hoje, no Recôncavo, cerca de 28.000 trabalhadores — e não discutimos aqui os problemas intrínsecos das relações de trabalho e mesmo do sistema de propriedade), a presença da Petrobrás como um organismo paralelo àquela.

As perspectivas de desenvolvimento da região a médio e longo prazos, em razão da exploração do petróleo, estavam prêsas, já se dizia a doze, treze anos atrás, a um planejamento rigoroso com vistas à industrialização de toda a região, levando-se em conta, inclusive, a tradicional indústria do açúcar, de modo a extrair, sem o imediatismo das visões de rentabilidade a curto prazo, as melhores virtualidades da região.

Far-se-ia imperiosa, então, uma planificação, realista, imaginativa no melhor sentido, capaz de coadunar a indústria do petróleo e outras tantas que viessem de utilizar seus sub-produtos e derivados, com a agro-indústria do açúcar e mesmo a pecuária, e, o que é importante, com a indústria — sim, indústria — do turismo, já que no Recôncavo encontramos uma grande fonte — seja pelo passado ainda presente, seja pela natureza ali privilegiada — de exploração de uma atividade que mantém tantas e tantas cidades e regiões no mundo europeu, asiático, e mesmo americano: o turismo.

Por voltas de janeiro de 1959 o Prof. Thales de Azevedo, num simpósio intitulado "Conferência do Petróleo" promovido por um jornal baiano sugeria, observando a necessidade de medidas urgentes em vista do petróleo no Recôncavo, o seguinte:

- 1 — Organização de uma comissão permanente (governo do Estado, Municípios, Petrobrás) para o planejamento de aplicações produtivas e duradouras das quotas pagas ao Estado e aos Municípios e dos incrementos de receitas públicas de modo a que a região do Recôncavo e outras áreas da Bahia possam alcançar o melhor proveito das condições criadas pela exploração petrolífera, dentro da orientação da Lei n. 2004.
- 2 — Elaboração de um plano de recuperação econômica e de re-colonização, por meio de pequenas propriedades, das áreas ocupadas pela Petrobrás e não mais utilizadas na exploração petrolífera.
- 3 — Entendimentos diretos e medidas administrativas, judiciais e legislativas tendo em vista abrandar os efeitos normais de uma mudança econômica e social relativamente intensa e aliviar a tensão que atua sobre certos extratos da sociedade da região". (8).

Quando há pouco nos referíamos à Petrobrás como um organismo paralelo, no Recôncavo, a agro-indústria do açúcar queria nos ferir o problema da Petrobrás — 1970, no Recôncavo — 1970.

A partir do momento em que a empresa entra na rotina de exploração e refino atingindo na pesquisa e lavra o lençol submarino da região de D. João e adjacências, e mais, na zona de Catu, Pojuca e Mata de São João, passado o momento das obras da Refinaria Landolfo Alves, principalmente, inicia-se um processo de retração de influência econômica naquela área de Matarijpe e São Francisco do Conde, onde exatamente se iniciou a presença da Petrobrás no Recôncavo. As estradas possibilitam a atração das compras em Salvador e Feira de Santana, principalmente; a Petrobrás, fornecendo transporte para seus trabalhadores possibilita à maioria deles o domicílio seja nas suas cidades de origem, seja em Salvador, para onde, naturalmente, são atraídos aqueles mais qualificados e com maior disponibilidade econômica. As instalações definitivas da Refinaria e de outros setores de manobra paralizam a absorção de mão-de-obra não qualificada; o parque industrial que se esperava ser implantado na região por força da presença da Petrobrás não chega, nem de longe, a constituir uma realidade sobre a qual se possa ter alguma esperança imediata.

O que se temia em 58,59, é hoje, uma realidade: a falta de planificação e de incremento de industrialização, *latu sensu*, na zona petrolífera e açucareira do Recôncavo, no momento de implantação da Petrobrás, lança a região, ainda uma vez, num processo que muitos estão chamando de mudança regressiva: sem a Petrobrás, e malgrado a Petrobrás.

E resta, é bom lembrar, o passado, uma indústria que ainda não se "descobriu" suficientemente: o turismo.

Nos anos sessenta, ou mais exatamente, de quatro anos para cá, o Centro Industrial de Aratu, levanta uma onda de esperança no relativo marasmo da vida baiana.

(9) — Thales de Azevedo — *Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia* — Ed. da Imprensa Oficial da Bahia — 1959 p. 15/16. Conferência pronunciada a 5 de novembro de 1971, no Salão de Sessões da Assembléia Legislativa, em reunião conjunta do Conselho Estadual de Cultura e da Associação Baiana de Imprensa.

Os incentivos fiscais proporcionados pelo governo são o ponto de partida para o planejamento de um Centro Industrial numa área onde outrora se plantaram engenhos e canaviais.

Muito embora os efeitos da implantação de várias indústrias já se observam, principalmente, no acelerado crescimento urbano da cidade do Salvador, pelo que se pode constatar, até agora, o Centro Industrial de Aratu incrementando de alguma sorte a riqueza do Estado da Bahia, não chegará, a solucionar conveniente e reallisticamente a sem dúvida complexo problema do Recôncavo baiano. Observe-se que o Centro Industrial absorverá cerca de 25.000 trabalhadores, quando de seu completo funcionamento, enquanto, no momento, a agro-indústria do açúcar vivendo momentos definitivos na sua crise, crônica absorve cerca de 28.000.

Dêsse modo o problema da industrialização do Recôncavo permanece em termos abertos, sem que se tenha a sua exata dimensão e as melhores vias para a sua pronta solução.

As crises da agro-indústria fumageira e da agro-indústria do açúcar incidem sobre áreas densamente populosas, os mais velhos núcleos de povoamento do Recôncavo, as áreas mais marcadas pelo traço cultural que o tempo se incumbiu de calcar e que representam o velho Recôncavo dos tradicionais núcleos urbanos, dos engenhos à beira-rio, da casa-grande e do casebre de palha.

A Petrobrás e o Centro Industrial de Aratu se superpõem nessa mesma área do açúcar dentro de uma equação econômica inteiramente nova, sem contudo levarem em conta o quadro geral do Recôncavo como área geográfica e humana, sem levar em conta, ainda, aquelas sub-culturas econômicas que pelo tempo a fora a rotina e o marasmo fizeram manter num compasso de intermitente ou crônica crise, mas num compromisso cultural, por assim dizer, definitivo, com a própria terra.

As perspectivas de alteração para melhor no que diz respeito à população local, são, assim mínimas, já que tanto a Petrobrás, quanto o CIA tendem a absorver um tipo de mão-de-obra bem diversa da desqualificada mão-de-obra tradicionalmente entregue ao mero e bruto trabalho braçal nas roças, na pesca, no carreto, ou naquela outra mais refinada, mas nem por isso apta de imediato, ao trabalho nas indústrias urbanas presas ao know-how mais atual, dedicada aos tradicionais artesanatos do Recôncavo.

Por outro lado o próprio Recôncavo como área geo-econômica e sócio-cultural aguarda um dimensionamento eficaz de suas potencialidades levados em conta o seu passado e o muito que dele se pode retirar num futuro que bem se pode chamar de um agora.

A agudização atual das já longas, velhas crises do açúcar e do fumo, a problemática do desenvolvimento da área do açúcar-petróleo, o incremento da indústria em Aratu, tudo isso propõe e sugere estudos não mais de verificação e investigação mas de intervenção, o que sem dúvida vem trazer ao cientista social, por exemplo, a possibilidade de explorar convenientemente aquele rico acervo cultural, aquele "laboratório de experiência humana" como bem chamou o sociólogo: o Recôncavo da Bahia.

127. Protesto Contra a Demolição da Sê (1928); Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 18p.
128. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1987, 52p.
129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.
130. Relatório/apresentado pelo/ Rev. Frei João Evangelista de Monte Marciano/ao/Arcebispo da Bahia/sobre/ Antonio Conselheiro/e/ seu sequito no Arraial de Canudos - 1895. Edição Facsimilada. Apresentação José Calasans. Salvador, CEB; UFBA, 1987, 20p.
131. MATTA, João Eurico. *Ângulos* (A vigência de uma revista universitária). Índice Geral de Colaboradores de Ângulos/Ângela Maria Pinho Souza Braga, Maria da Conceição Penalva da Silva, (Bibliotecárias do CEB). Salvador, CEB; UFBA, 1988, 76p.
132. PERES, Fernando da Rocha. *A Família Mattos na Bahia do Século XVII*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 62p.
133. VIANNA, Hildegardes. *As Aparadeiras e as Sendeironas. Seu Folclore*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 37p.
134. AZEVEDO, Thales de. *A Praia: espaço de socialidade*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 40p.
135. FLEXOR, Maria Helena. *Os Núcleos Urbanos Planejados do Século XVIII: Porto Seguro e São Paulo*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 40p.
136. OLIVEIRA, Waldir Freitas. *O Tico-Tico: Uma Revista Infantil Brasileira*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 32p.
137. PERES, Fernando da Rocha. *Itaparica: O Poeta, O Poema e a Ilha*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 48p.
138. *Reedições 1*. CALASANS, José: *A Guerra de Canudos Na Poesia Popular*, nº 14; Machado Neto, Zahidê, *Quadro Sociológico da "Civilização" do Recôncavo*, nº 71. Salvador, CEB, UFBA, 1989, 40p.



**VITAE**

*Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social*